

Reflexões sobre o estado de ‘normalidade’ do turismo de massa e seus reflexos na pandemia do COVID-19

Reflections on the state of ‘normality’ of tourism mass and its reflexes in the pandemic of COVID-19

Levy Felix Ribeiro*

Aline Vieira de Carvalho**

Waldson de Souza Costa***

Resumo: proposta de um ensaio analítico sobre como o turismo de massa engatilhou toda uma falsa perspectiva de mobilidade para as rotinas humanas e como as escalas de explorações em lugares turísticos foram rigidamente impactadas na atividade econômica do turismo em busca de uma “normalidade”, uma vez que a pandemia do COVID-19 estagnou e permitiu drasticamente causar desaceleração no mundo, considerando assim a ânsia de voltar aos espaços utilizados. Por vez, houve necessidade a partir de agora repensar em novos caminhos neste cenário. Para tal, a partir de levantamento bibliográfico, fez-se compreender os diversos impactos que o turismo revelou nas sociedades e nos fez pensar nesse tempo presente, envolvendo os protocolos elaborados, como a desaceleração, se possível, poderá ser uma estratégia para refletir as práticas desenvolvidas para a retomada do turismo. Entretanto, no esforço conjunto, este estudo só foi possível ao relacionar nossa empiria aos campos de pesquisas diversos, em que se propôs pensar esse movimento que busca a partir de então, a preocupação de falsa insegurança e verificar através de um breve contexto histórico como a máquina “turismo” ressurgiu de um restart na configuração de suas atividades. Portanto, se pergunta “o que vai ser do turismo e como configurá-lo através dos reflexos que a COVID-19 deixou nas inúmeras vidas, na economia e em todo contexto social.

Palavras-chave: Turismo de Massa; impactos; COVID-19; insegurança; normalidade.

Abstract: proposal of an analytical essay on how mass tourism triggered a whole false perspective of mobility for human routines and how the scales of farms in tourist places were rigidly impacted on the economic activity of tourism in search of a "normality", since the covid-19 pandemic has stagnated and allowed drastically to cause slowdown in the world, considering the eager to return to the spaces used. At one time, there was a need from now on to rethink new paths in this scenario. To this end, from a bibliographic survey, it was understood the various impacts that tourism revealed on societies and made us think about this present time, involving the protocols elaborated, such as the slowdown, if possible, may be a strategy to reflect the practices developed for the resumption of tourism. However, in the joint effort, this study was only possible by relating our empiric to the various research fields, in which it was proposed to think this movement that seeks from then on, the concern of false insecurity and verify through a brief historical context how the machine "tourism" resurfaced from a restart in the configuration of its activities. Therefore, one wonders "what will be tourism and how to configure it through the reflexes that COVID-19 has left in countless lives, in the economy and in every social context.

Keywords: Mass Tourism; impacts; COVID-19; insecurity; normality.

* Doutorando no Programa de Pós-graduação de Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Antropologia Social pelo programa de Pós-graduação em Antropologia Social - Instituto de Ciências Sociais (UFAL). Especialista em Políticas Públicas e Planejamento Governamental pela Universidade Tiradentes - AL. Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Alagoas. levyfelixtur@gmail.com.

** Doutora pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam/ IFCH/Unicamp: 2005- 2009) e mestrado em História Cultural (História/IFCH/ Unicamp: 2003/2005). Sou associada ao ICOM, WAC, SAB e ANPUH. alinenepam@gmail.com.

*** Doutorando do Programa de Pós-graduação de Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestre em Antropologia Social (2018) pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Especialista em MBA em Marketing (2008) com graduação em Comunicação Social - com habilitação em Jornalismo (2006) - ambas formações pela UFAL. Tem experiência em pesquisa etnográfica e desenvolve desde 2016 pesquisa etnográfica na região do Delta do Rio São Francisco, no Nordeste do Brasil. wsouzac@yahoo.com.br.

1 Introdução

Era dezembro de 2017 e às nove horas da manhã centenas de pessoas já se aglomeravam em filas no pátio da entrada do Parque Nacional do Iguaçu, em Foz do Iguaçu, no Paraná, Brasil. O principal atrativo turístico da região ainda nem havia aberto os portões e os ônibus lotados de turistas não paravam de chegar¹. A cena que se repetia de forma cíclica, com embarque e desembarque constante de pessoas, é complementada pela corrida contra o tempo dos grupos que precisam atender o cronograma de visitas agendadas para o dia.

Para isso, lembrava-se a todo tempo pelos guias de turismo que ali fixavam atentamente o olhar em seus grupos que se perdiam em uma imensidão de corpos dos compromissos do roteiro que eram elaborados, pois muitos turistas pulam os atrativos assinalados pelos folhetos turísticos como menores do parque, renunciando a cenários e a experiências colocados como secundários, se assim podemos apontar, para contemplar em tempo hábil a atração principal: as Cataratas do Iguaçu.

Como turistas e meros curiosos estudantes, meu amigo e eu nos questionávamos como o aproximar de algo tão exuberante a natureza, mas nos afastava ao mesmo tempo do paraíso, e mais, nos colocava numa confusão de perguntas, pois ali a nossa frente em uma plataforma de madeira, ‘um deck’, uma das poucas possibilidades de aproximar os visitantes para contemplar as quedas d’água, na tentativa de vivenciar uma relação de ambiente x indivíduo, embora o desconforto gerado pela aglomeração e filas foram convites para uma visita rápida.

Estes poderiam ser traços do sistema de troca entre a visita aos locais no parque e a busca de contemplação do local, podemos assim por dizer, ao comparar com o *kula* apresentado por Mauss (2003) em sua descrição de um sistema de prestação e contraprestações, ou até mesmo como um ritual, seguidos como algo circular, pois os turistas se aproximavam, paravam nos pontos específicos, faziam suas fotos com um fundo do volume d’água das cataratas, das paisagens verdes, mas nada parecia importar senão quando invertiam as câmeras para posição de *self*, se colocavam na imagem como protagonista do espetáculo, tiravam suas fotos e seguiam após dever cumprido em busca dos outros atrativos.

¹ Dado coletado em campo nas mediações do Parque Nacional de Foz do Iguaçu – PR em 9 de dezembro de 2017 pelos pesquisadores.

Nessa nova sociedade que poderia ser compreendida como uma fusão torta entre a sociedade de controle e a sociedade do espetáculo, denominada por Antônio Quinet (2004) de escópia, a experiência em um dos maiores atrativos naturais do mundo tornou-se plástica ao ponto de não permitir a conexão entre homem e natureza de forma confortável como é vendida a experiência nos cartazes das operadoras turísticas. Para Quinet (2004, p. 35) “com seu olhar, a fenomenologia pretende estudar a essência de cada estado de consciência e estabelecer o que cada estado visa”, portanto esse olhar está centrado a algo que lhe permita intenções, ou de fato esteja ligado a um objeto, a uma outra reflexão do autor “o percebido vem sempre com o perceber, o olhado com o olhar, o desejado com o desejar”, essa ânsia de ir em busca de objetos, através da imagem, é algo que parece não importar ao momento e sentido de estar ali, o que importa é uma percepção de vivenciar o lugar (QUINET, 2004, p. 35).

A contradição do produto construído e fruído parece não importar diante das fotos da paisagem exuberante. O tempo, assim como as aglomerações do atrativo e os compromissos de viagem, impedem o exercício de concentração e contemplação.

Fora daquele espaço, em um restaurante menor no entorno do parque nacional, uma guia de turismo, questionada sobre o “*fast-tour*”, tece de forma ponderada a crítica: “E, olhe quem nem sempre é assim. Há dias piores. Em tempos de férias escolares é tanta gente que as filas chegam a ficar fora do parque. Aquele enorme pátio não dá conta. Se vocês acham que tem muita gente agora, nem apareçam durante as férias”². Esse foi um relato anotado informalmente, que serviu, naquele momento, como uma ideia de (re)pensar sobre toda essa ótica paradisíaca produzida para atender aos turistas.

2 Escalas

O modelo de exploração turística adotado no destino Foz do Iguaçu em nada se diferencia de qualquer outro do mundo que lida com o segmento do turismo de massa a partir do sistema econômico de impulsionamento de consumo. As cenas relatadas no começo do texto podem ser descritas de forma semelhante, considerando as respectivas diferenças e características, tanto no Coliseu, em Roma; como no Cristo Redentor, no Rio de Janeiro ou no

² IDEM.

Museu do Louvre, em Paris. Portanto, o exercício proposto neste artigo, que considera que o estado de ‘normalidade’ possui distúrbios imperceptíveis quando estamos imersos a ele, envolve a reflexão a partir da crise gerada pela pandemia do coronavírus diante do questionamento dos modelos de exploração turística, que deveria ser adotada para assegurar uma atividade responsável e saudável de lazer. Com isso, nossa principal pergunta, a qual não possui respostas fechadas; mas sim, possibilidades sobre onde os modelos podem ser ajustados é: quais práticas estagnadas pelos desdobramentos da COVID-19 podem ser substituídas ou suprimidas dos destinos turísticos?

As percepções preliminares observadas no segmento do turismo neste período de pandemia da COVID-19 entre 2020 e 2021 caminham para uma reflexão onde compreende-se que, mais do que nunca, é preciso repensar, desta vez diante de um exercício prático proporcionado pela redução de viajantes no mundo e da desaceleração nos destinos turísticos, as consequências do consumo do turismo de massa e seus impactos relacionados ao deslocamento desordenado pelas práticas humanas.

Segundo os autores Swarbrooke e Horner (2007) uma das primeiras ondas de turismo de massa surgiu na Europa e consistia em migrações anuais para locais em busca de sol, como o Mediterrâneo, por moradores do Norte da Europa. Assim, por conta do crescimento do turismo de massa por uma parcela de membros da sociedade aristocrática e burguesa, essas viagens passaram a ser consumidas pela classe média.

Mas, não só isso, a necessidade de viagens e do uso do tempo estão ligados ao modo de produção capitalista que surgiu após a segunda guerra mundial, não recorrendo a um processo histórico descritivo para este momento, mas o modelo capitalista influenciou a sociedade no mundo moderno do século XX, o que impactou a sociedade em diversos âmbitos educacionais, sociais, culturais, políticos e econômicos.

Segundo Branco e Magalhães (2020) o que acontecia no século XIX foi a busca por melhores condições de trabalho e logo após, no século XX, o turismo se intensifica, com o surgimento do turismo de massa. Como reflexão sobre o contexto e aproximação dessa massificação do turismo que surgiu logo após a segunda guerra mundial, é preciso analisar qual o impacto desse histórico europeu ao inserir-se no contexto brasileiro.

Os processos históricos acontecem a todo momento, mas como pensar sobre deslocamento e como e qual proporção se tomava? Desde as grandes viagens e na origem do ser humano, o deslocar-se era o responsável pelas mais diversas maneiras de ocupação de

localidades e não tem sido diferente aos espaços que se tornaram turísticos, ou melhor, foram produzidos para atender a um modo diverso de consumidor.

O turismo é o alvo desse consumidor e por ele passa a ser explorado. A relação do turismo e do turista, muitas vezes configurada em uma relação complexa de produto-consumidor, faz parte de uma transformação nos territórios turísticos que pode ser comparada a uma ‘faca de dois gumes’, que pode proporcionar pontos positivos como o crescimento de atividades econômicas, geração de emprego, mas também negativamente como a especulação imobiliária, aumento dos preços dos insumos, gentrificação e entre tantos outros fatores.

É através do olhar daquele que aproxima e permite vivenciar o diferente, ou como aborda Geertz (2001) em sua teoria na “antropologia do sensível”, que é necessária uma interpretação do campo, uma sensibilidade na tentativa de se compreender, este mesmo indivíduo que trata a viagem aos destinos diversos como algo novo e inusitado, ou melhor, uma experiência, torna-se parte desse contexto vivenciado nas viagens.

Se muito já se questionou sobre os impactos do turismo de massa, só agora, a partir de uma pandemia que forçou a desaceleração do mundo, é que podemos ter uma real noção do quanto o turismo massivo é potencialmente danoso e quanto de suas práticas são desnecessárias ao ponto de puderem ser substituídas por outra ordem no fazer da atividade turística.

Para Ruschmann (1997), ao descrever a inter-relação entre o turismo e o meio ambiente, enfatiza que, devido ao processo e deterioração dos centros urbanos, à poluição sonora, visual e atmosférica, à necessidade e busca de ambientes e paisagens, busca do verde, são experiências procuradas por esta sociedade, e caracteriza o quanto essa relação não tem um relacionamento. Assim, a denominada crise mundial proporcionada pela pandemia de COVID-19 pode ser claramente substituída na concepção de Latour (2020) como uma oportunidade para colocar em xeque modelos sociais e econômicos que já não servem, dando espaços a modelos mais moderados e menos nocivos à ordem social, econômica e ambiental.

Em um breve aporte sobre a conceituação de turismo de massa Krippendorff (1989) expõe no livro *Sociologia do Turismo* que a prática se trata de uma atividade caracterizada pelo efeito massivo de deslocamento e concentração humana em lugares transformados que, estabelecidos como destinos turísticos, fazem com que muitas pessoas estejam em um mesmo local ao mesmo tempo gerando impactos que até determinado tempo e período não aconteciam no lugar.

Diante disso, é possível afirmar que os efeitos do turismo de massa, exercidos de forma consciente ou inconsciente, são perversos porque em sua concepção da atividade econômica, estabelecida na base da soma de volume-lucro, contabiliza desajustes sociais, econômicos e ambientais que interferem em toda a dinâmica dos espaços estabelecidos como destinos turísticos afetando também os entornos.

São esses efeitos do turismo de massa os responsáveis pela especulação imobiliária que afligem os habitantes de Amsterdam, na Holanda³, por exemplo. Com turistas em demasia na pequena capital, pagando valores além dos preços reais, o custo de vida fica cada vez mais inviável para quem habita o centro e os entornos da cidade europeia.

Eram os turistas que aprovavam a excentricidade de conviver entre os primatas, os alimentavam, compravam frutas e sementes para dar os animais. Sem os principais agentes que movimentavam a economia do lugar e saciavam a fome dos macacos, a aglomeração de primatas passou de problema paliativo para emergencial que exigiu ação das autoridades. A grande concentração de macacos na cidade sempre apontou desequilíbrio ecológico, evidenciando que algo no local e no entorno não estava bem, mas a indústria do turismo beneficiada sustentava a desordem que foi quebrada com a tentativa de retomada dos espaços públicos pelos tailandeses com a chegada do coronavírus.

É a partir desse olhar voltado para esses destinos turísticos e entre tantos outros pelo mundo, neste momento tão crucial, que as coisas da vida parecem perder o tônus da sagacidade, que os operadores do turismo terão que se reinventar e propor novos caminhos para constituir uma nova proposta de deslocamento e permanência de pessoas diante de critérios que respeitem as limitações das culturas e dos ambientes.

Afinal, se de imediato o turismo foi uma das atividades econômicas que sofreu com essas restrições de deslocamento dos turistas, ainda que a pandemia estivesse diretamente ligada a um processo de contaminação das partidas e chegadas de pessoas nos diversos continentes do mundo, a relação da atividade turística tornou-se uma preocupação aos que pensam na disseminação da doença através das diversas atividades ligadas ao turismo (HALL; SCOOT; GÖSSLING, 2020).

Ao tomar o turismo como agente de transformação desses espaços, nós, pesquisadores ligados aos estudos de diversas áreas, pensamos que gestores públicos do

³ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-amsterd%C3%A3-est%C3%A1-combatendo-o-turismo-de-massa/a-47826814>. Acesso em: 21 nov. 2020.

campo do turismo, do patrimônio, da memória e de temas afins, bem como os proprietários e gestores de empreendimentos privados voltados para o turismo em larga escala, deverão repensar as balizas norteadoras de suas ações em busca de um novo comprometimento de comportamentos sociais, econômicos, políticos e ambientais.

Em meio a esta percepção de uma nova oportunidade, Latour (2020) enfatiza que é necessário observar para agir, uma vez que esta crise deixará ou pelo menos diminuirá o transtorno do alto número de pessoas mortas, e que, com esse término, a força da retomada das ações econômicas sejam feitas com decisões ponderadas, e que não nos traga o mesmo cotidiano já vivenciado com as degradações e impactos sofridos anteriormente.

Ao tomar o turismo como agente de transformação desses espaços, nós, pesquisadores ligados aos estudos de diversas áreas, pensamos que os destinos turísticos voltados para uma participação de públicos em massa deverão repensar esses locais massificados na busca de um novo comprometimento de comportamentos sociais, econômicos, políticos e ambientais.

3 Um ensaio para pensar nosso tempo presente

Em uma comparação dos conflitos de interesse entre os protocolos do Turismo de Massa e da COVID-19 (SILVA; TEIXEIRA; LIMA, 2020), vale salientar que a pandemia provocou mudanças nos hábitos sociais, como a prática e a necessidade do isolamento social na perspectiva da redução do contágio. Entretanto, a crise nacional de saúde aborda e (re)pensa, a partir de novas normas da execução de trabalho e adaptação, as formas de funcionamentos dos serviços essenciais para manutenção do setor turístico, o que pode ser compreendido como um “novo normal” (SILVA; COSTA; CIPRIANO, 2020, p. 14).

Por vez, o que o setor do turismo primeiro propõe é uma pressa do uso dos espaços, da apreciação das imagens, das horas contadas em atividades programadas em passeio ou itinerário, da corrida do conhecer quase tudo em um curto tempo. Enquanto a pandemia do Coronavírus, propõe, como medidas de segurança e salvaguarda da saúde, a desaceleração de ritmos que até pouco tempo faziam parte do cotidiano da vida, ocasionando um impacto tão drástico nesses espaços e em especial na vida de pessoas que não terão mais o tempo para correr ou apreciar o que lhe de fato poderia ser importante. Tudo isso em meio aos discursos e práticas do chamado isolamento social.

Com a real necessidade e com um impacto provocado no setor turístico, com a diminuição das viagens, os cancelamentos de voos e entre outras atividades vinculadas à atividade econômica do turismo que foram atingidas e a todo *trade* envolvido, o Ministério do Turismo lançou como proposta o selo “Turismo Responsável⁴” que é um programa que estabelece boas práticas de higienização nos diversos setores, para cada respectivo segmento, na perspectiva de desafogar ao incômodo dos consumidores de frequentar os locais a serem visitados. Essa proposta traz procedimentos e etapas para a condução e validação da diminuição dos impactos provocados pela pandemia de COVID-19 a este segmento.

Assim, como expõe Coelho e Mayer (2020, p. 370) “apesar dos impactos humanitários, sociais e econômicos, não há consenso sobre as previsões de retomada das atividades e sobre como atuar neste cenário” (isso ainda ao pensar em 2020). Mas agora (em 2021), pode-se cogitar como a descoberta da vacina proporciona ou melhor alivia aos poucos a incerteza de como e quando voltaremos a uma nova normalidade, se é que ela existe. É por este viés e aos poucos estudos e pesquisas direcionadas agora nesse ambiente tão hostil, que iremos pensar como serão retomados o turismo nesses ambientes massificados ao contraponto do que se implica com a pandemia e suas maneiras de interferir sobre esse cenário.

O artigo apresenta os aspectos centrais sobre turismo de massa, o olhar do turista e os impactos da COVID-19 nestes serviços ofertados de maneira geral. O que se espera é, em primeira análise sobre a leitura do que Latour (2020) chamou atenção em seu texto “Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise”, refletir sobre como algo que sempre esteve tão engrenado como atividade turística e outras atividades ligadas aos setores econômicos pode refazer-se. “ficou provado que é possível, em questão de semanas, suspender, em todo mundo e ao mesmo tempo, um sistema econômico que até agora nos diziam ser impossível desacelerar ou redirecionar” (LATOUR, 2020, p. 01).

O que se espera assim, tanto no turismo enquanto em outros setores, é saber como a partir desse contexto tão dramático e desolador da pandemia em pleno século XXI deve-se tomar notas e estudos que sejam compartilhados para pensar como se deve agir a partir dessa vivência. Quais os rumos podemos tomar e decidir uma vez que a relação pessoal ficou tão prejudicada? Como estes ambientes que precisam e se sustentam de grandes públicos irão e poderão se reinventar e como esses encontros e desencontros serão (re)construídos?

⁴ Disponível em: <http://antigo.turismo.gov.br/seloresponsavel/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

Esses questionamentos servem para nos guiar em pensamento de como e a partir de quais decisões esses ambientes passarão a ser automaticamente desacelerados, mesmo de uma maneira forçada, pois estes locais agora poderão ser reprogramados. Assim, por que não se tornar um local de percepção de um olhar mais próximo? Deixar de ser apenas ambientes que, transformados pelos turistas e pelo turismo, só serviam para uma simples fotografia de uma memória rápida e uma lembrança do que foi partilhado em meio ao caos e pressa que se propõe o turismo de massa.

4 Do Turismo à COVID-19: Uma desaceleração *possível*?

É verdade que os estudos que se relacionam com o turismo nos últimos anos têm amplificado e seguido uma ótica multidisciplinar, que, por vez, conta com as diversas disciplinas que se propõem a contribuição neste campo em diversas maneiras a exemplo das áreas como: administração, economia, geografia, sociologia, antropologia, arqueologia, planejamento urbano, história, comércio exterior, políticas públicas entre outras. Isso se pode afirmar devido “ao alto grau de complexidade do fenômeno turístico e de suas múltiplas facetas” (MELO, 2009, p. 72).

Nesse viés, nos perguntamos se teremos o compromisso da reflexão sobre repensar espaços e modelos turísticos massificados – elaborados em contextos pré-pandêmicos – para um novo contexto mundial, marcado pela acelerada intervenção dos seres humanos sobre o Planeta Terra de Luiz Marques (2015) – e pela já detectada ameaça presente e permanente do surgimento de novas pandemias⁵.

Nesta perspectiva de novas propostas, vale ressaltar o questionamento que seguiu até agora a presente narrativa: o que fazer neste período? Como devemos refletir a maneira como tudo foi desacelerado? Vale mesmo voltar a agir da mesma maneira como fazíamos antes? (LATOURET 2020).

Seguimos as compreensões de Beni (2001), que expõe que o turismo de massa é como uma estratificação socioeconômica; e as de Araújo e Carvalho (2013) que enfatizam que este segmento pode ser denominado como uma espécie de “‘classe média’ ou ‘grande turismo’”. Desta forma, esses apontamentos nos dizem como os destinos turísticos se

⁵ Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/tv/direto-na-fonte/2020/05/19/quanto-mais-desmatar-maior-chance-de-novas-epidemias-affirma-david>. Acesso em: 29 out. 2021.

preparam pela conta da expressiva demanda e pela construção de uma infraestrutura que permite o uso em grande escala, na análise do autor:

Sob todos os aspectos é o mais importante devido à expressiva quantidade de turistas envolvida tanto nos fluxos internacionais como no interno, porquanto reúne os estratos que formam a classe média, incluindo-se aí os profissionais liberais, funcionários categorizados, empresariais e públicos, que desfrutam de relativa possibilidade de meios econômico-financeiros, contando com subvenções e poupanças próprias (BENI, 2007, p. 420).

Mas, seguindo esta reflexão apresentada, podemos citar a relação permanente que é encontrada nesses destinos e aqui numa situação mais próxima no Parque Nacional Foz do Iguaçu, o que se pode notar é uma presença fortemente dos demais profissionais das agências de turismo, hotelaria, restaurante e equipamentos de serviços de forma direta e indireta como nos ambientes se ressaltam:

[...] com destaque para os gastos moderados do turista no custo-dia; consumo de serviços e equipamentos de primeira categoria, mas não de luxo; meios de transporte incluídos nos pacotes; percurso e permanência mais curtos; menos gastos supérfluos com a viagem no período de férias; ocupação de hotéis de nível médio; e ampla utilização do sistema de crédito para financiar a viagem (ARAÚJO; CARVALHO, 2013, p. 2).

E ainda de forma sucinta para tentar responder através dos apontamentos e conceitos, foi feita uma observação do campo, em que percebemos o quanto esses ambientes são locais montados em uma esfera de infraestrutura no intuito de passar a falsa impressão que estamos vivenciando o novo. Ainda no parque, o olhar do turista se cegava em meio à multidão e se perdia na paisagem. Recordamos que entre uma piscadela e outra nas paradas de plataformas que dão acesso as quedas d'água da Catarata, a quantidade de turistas que seguiam o guia sempre na pressa, na falta de atenção, era de forma inconscientemente ou automática. Os turistas erguiam seus celulares e suas câmeras na busca do *self* tão desejado em meio à natureza, porém parece que ela seria a única que não os interessava, mesmo que a paisagem estivesse ali, não importava retratar o momento em lembranças da paisagem como um todo, mas a busca da melhor foto de perfil ou para ser publicada nas redes sociais. No entanto, entre um ou outro turista era possível também notar os passos lentos e apreciação, um tipo de turista diferenciado a esse modelo que a globalização de fato se permitiu construir.

Em pensar nesse modelo de turista sempre apressado e na busca da melhor foto, recorreremos a uma equiparação quando:

Outro aspecto que merece destaque é a apropriação do patrimônio, tanto natural quanto cultural, pelo turismo. Transformar uma localidade ou grupo social em um atrativo turístico é insuficiente para sua ressignificação pelos visitantes, muitos dos quais desejam apenas e tão somente tirar uma foto no lugar! E, claro, postar nas redes sociais. O resultado é uma infinidade de imagens digitais semelhantes. (RIBEIRO, 2018, p. 11).

Nessa busca por infinitas imagens, o olhar do turista, por vezes, se permite não enxergar, até certo, ponto as dificuldades e impactos que são causados nesse momento sobre a esfera de uma pandemia. Esses locais que já sofriam com a atividade turística, agora sem pedir licença à COVID-19 toma as rédeas dessa situação e de forma abrupta congela esses locais, sem de fato nos permite uma volta tão próxima. Como e até de que forma repensar esses locais sem voltar a executar essa corrida aparelhada de grandes proporções?

De uma maneira geral, como o coletivo foi acometido por esta desolação? Historicamente, o contexto sanitário em que vivemos não é uma novidade. Mas nossas reações a ele parecem surpreender por repetir respostas do passado. Se tentamos romper as barreiras e interligá-las através da globalização, a COVID-19 não é diferente de experiências históricas anteriores. Assim a profilaxia para este momento seria, e ainda é, o distanciamento social que por hora é uma recomendação dos órgãos de saúde como método de diminuir a globalização desta pandemia.

O autor Stefan Cunha Ujavari (2020) em seu livro *Histórias das Epidemias* descreveu sobre processos históricos das epidemias letais por vírus que se disseminaram nas populações de continentes da África, América, Ásia e Europa, para compreender os diversos problemas sanitários que outras sociedades sofreram com números expressivos de mortos. Não é de agora que o mundo se propõe a uma estagnação, ou como escutamos agora o famoso *lockdown*⁶. Assim, como ele se questiona “O mundo nunca assistiu a cidades em quarentena?”

A pandemia da SARS – COV-2 ou como a conhecemos “coronavírus e COVID-19” causou medo e tem deixado a todos atentos e inseguros em relação à contaminação desde sua proliferação a partir de 2019 e em 2020 quando tomou proporções inimagináveis. No entanto, essa pandemia pode se assemelhar a outros cenários pandêmicos que já aconteceram e marcaram historicamente a humanidade.

⁶ Lockdown: é a versão rígida do distanciamento social e quando a recomendação se torna obrigatória. Disponível em: <https://dasa.com.br/lockdown-coronavirus-significado/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

Gostaríamos de aprofundar este assunto para, de forma análoga, pensar como as diversas pandemias se relacionam com a COVID-19 e como essas doenças infecciosas assolaram a humanidade nos últimos séculos. O autor Ujavari (2020) apresenta em seu livro uma linha temporal que traz os primeiros apontamentos de doenças infecciosas e de procedimentos médicos que foram elaborados naquele período.

Além dessa desaceleração, um tema que surgiu recentemente e o qual não pretendemos desbravar com profundidade, mas que tem relação com nesse momento crucial em nosso cotidiano, é que nos debates do turismo o que vem sendo discutido é a perspectiva sobre o *overtourism* (BENI, 2020), que pode ser relacionado a todos estes cenários e levantar questionamentos sobre qual a relação dessa palavra com a pandemia, em que o *overtourism* chega possivelmente a um processo de estagnação. Netto, Oliveira e Severini (2020, p. 19) afirmam que o “overtourism” pode ser conceituado como:

Destinos em que anfitriões ou convidados, moradores ou visitantes, sentem que há muitos visitantes e que a qualidade de vida na área ou a qualidade da experiência se deterioraram inaceitavelmente. É o oposto do Turismo Responsável, que consiste em usar o turismo para criar melhores lugares para morar e lugares para visitar. Muitas vezes, visitantes e convidados experimentam a deterioração simultaneamente.

Esse modelo e mudança do tipo de turismo aplicado em diversas regiões e cidades turísticas pode melhorar hábitos cotidianos dos moradores. Citamos alguns exemplos de cidades que devido à pandemia assistiram a uma queda brusca do número de pessoas em seus territórios, mudanças na qualidade do ar e em outros quesitos relacionados à própria qualidade de vida. Em outras palavras, parecem respirar melhor, mesmo nos planos de retomada lenta e gradual à suposta normalidade.

Na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, neste período de isolamento social, com a diminuição do entra e sai das embarcações, a nitidez da água voltou e tartarugas marinhas foram avistadas por residentes que trafegavam pela orla em suas caminhadas⁷. Em cidades turísticas da Espanha⁸ e altamente visitadas, com a paralisação e o fluxo de turísticas reduzido, aliás, impedido devido à pandemia, moradores conseguiram sair ainda que aos poucos para parques, museus e outros equipamentos turísticos sem a multidão, uma vez que

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/15/tartarugas-sao-vistas-nadando-em-agua-cristalina-perto-do-aeroporto-santos-dumont-no-rio.ghtml>. Acesso em: 04 jun. 2021.

⁸ Disponível em: <https://www.passagensimperdiveis.com.br/dicas-de-viagem/espanha-reabrir-junho-2021/>. Acesso em: 14 out. 2021.

aconteceu o afrouxamento e etapas de saída do isolamento social a partir do mês de junho de 2021.

Com o distanciamento social e as restrições às viagens estabelecidas entre várias nações do mundo e a consequente diminuição da atividade turística, os territórios turísticos parecem ter passado por uma ação de transformação: não só os canais se tornaram mais limpos e cristalinos, uma vez que o uso das gôndolas do entra e sai permitiam o levantar de resíduos e areias do fundo da água, como alguns animais marinhos que estavam desaparecidos dos olhos humanos foram retomando o espaço.

Diante destes exemplos, é importante repensar sobre o turismo responsável. Acredita-se que esses locais tomados pelos demais segmentos, muitas vezes, têm intensificado o uso desses ambientes, impedindo ou trazendo o afastamento dos moradores. Mediante a esta incursão, podemos trazer uma análise sobre a necessidade do turismo se organizar, planejar e divulgar estes destinos numa esfera para o desenvolvimento de atividades econômicas.

Assim, nos faz refletir o quão prejudicial possa ser, sem pensar na real expectativa, para a vida daqueles que moram nesses locais ou próximos a eles e o quão modificado esses locais se tornam, trazendo, desse modo, uma mudança no uso desses espaços. Quando refletimos sobre a responsabilidade desenvolvida para estes destinos, podemos pensar também na mudança de hábitos dos moradores em relação aos diversos setores; em períodos de altas temporadas o aumento de serviços ligados ao turismo; planejamento urbanos imprecisos, estes só obrigam aos residentes a se reorganizarem e se adaptarem aos hábitos voltados para os visitantes/turistas, o que deveria ser inverso. Outro apontamento semelhante na esfera e mudança desses locais com a presença do turismo, é notado pela:

[...] relação entre os benefícios quantitativos e qualitativos em torno dos efeitos da demanda excessiva (...) em debate outras questões que incomodam os residentes, como o aumento de resíduos sólidos nas praias, elevação de preços em produtos/serviços essenciais, superlotação de automóveis, ou a segregação em bairros tradicionais. (NETTO, OLIVEIRA, SEVERINI, 2020, p. 22).

Esses benefícios só reforçam o quanto turismo tem sido impulsionado nas diversas atividades econômicas e de como vem surtindo efeitos, sejam positivos ou negativos, por consequência da pandemia. Esse setor tem sido influenciado, em alguns pontos,

negativamente se pensarmos nas divisões que se valem de seus serviços, mas por hora, tem beneficiado e reajustado o que possibilita uma respiração mais desafogada para o meio-ambiente. Outro ponto que tem sido notado é de como o setor foi drasticamente afetado e de como nem poderíamos pensar, ainda que estejam sendo elaborados protocolos de segurança e higiene, como esse setor responderá em seu retorno.

Segundo Netto, Oliveira e Severini (2020, p. 19), ao lançarem-se em uma gama de análises sobre essa fragilidade, quando o setor sofre a partir deste primeiro semestre,

[...] com a paralisação dos voos, fechamento de fronteiras internacionais, isolamentos e quarentenas recomendados ou forçados, e com a limitação das mobilidades, percebamos o quanto o turismo é importante. Uma atividade que nem sempre é valorizada pelos setores sociais como atividade econômica, social, cultural e como área de estudos, mas quando é impedida de ser realizada, sentimos sua ausência, daí que ela evidencia seu poder.

Essa paralisação do setor de turismo no primeiro semestre do ano e de parte expressiva das vidas humanas em 2020, nos faz pensar sobre outros aspectos que afetaram drasticamente o turismo nos últimos anos: as crises globais/regionais que afetaram duramente o setor do turismo de uma forma negativa desde anos de 1970 (QUADRO 1).

Crises	Consequências
Crises políticas (distúrbios políticos, ações terroristas, guerras e enfraquecimento das democracias)	Guerra do Golfo Pérsico (1991); Guerras de Bósnia e Kosovo (1992-1996); Ataques às torres gêmeas em Nova York (setembro, 2001); Ataque ao metrô de Madrid, Espanha (2004); A Primavera Árabe (2010-2012).
Crises humanitárias e sanitárias	Migrações em massa de refugiados (norte da África, p.ex.); Pobreza extrema (Haiti, Burundi, Congo, Malawi, etc.); SARS-2003; H1N1-2009; COVID-19.
Crises econômicas	Crise do petróleo (1973); Disputa Iraque-Irã (1980) ; Crise do Peso Mexicano (1994) ; Crise Econômica Global (2009) ; Corralito na Argentina (2001).
Mudanças climáticas bruscas	Desertificação; Danos aos corais marinhos; Aquecimento global; Tempestades.
Movimentos da natureza (furacões, terremotos e tsunamis)	Tsunami da Indonésia (2004); Furacão Wilma e Katrina, EUA (2005); Terremoto no Haiti (2010); Tsunami do Japão (2011).

QUADRO 1 - Relação de crises globais/regionais que afetam o turismo de forma negativa desde 1970
Fonte: Netto, Oliveira e Severini (2020, p. 23).

Esse levantamento dos autores nos mostra o quanto somos e estamos vulneráveis, nos faz pensar nos diversos problemas que podem surgir e nos efeitos que podem causar na economia e em nossas vidas. Além, é claro, de refletirmos sobre as consequências especificamente no setor do turismo. A pergunta que fazemos é: que vulnerabilidade é essa?

Rosane Janczura (2012) fala sobre aspectos e conceitos que não podem ser deixados de lado para compreender o conceito de vulnerabilidade. Os termos “risco” e “vulnerabilidade”, no artigo da autora, são reforçados durante a pandemia e têm surgido nos noticiários, jornais televisivos e nos diversos suporte de informações à comunidade internacional e nacional, aqui atenta-se à “vulnerabilidade social”, como um preceito de tentar explicar ou afastar sobre o uso dessas categorias como são utilizadas e são completamente distintas.

Esses apontamentos das crises já existentes, nos faz questionar, a partir de uma incerteza, como o setor e os países poderão seguir suas “rotinas”. De fato, a partir desses meses de isolamento entre janeiro a junho de 2020 muitas coisas foram pensadas. Projetos foram colocados em pauta, estudos encontram-se em andamento, protocolos de segurança foram desenvolvidos no propósito de possibilitar o enfrentamento da COVID-19.

Entretanto, aos poucos a engrenagem do sistema parado por essa crise sanitária começa a dar os primeiros sinais de um possível retorno a partir da quinzena de julho 2020. O “fenômeno que não pertence exclusivamente ao domínio da saúde pública, medidas não farmacológicas estabelecem como estratégias de combate ações rigorosas: populações em quarentena, isolamento e distanciamento social, e em último caso, o polêmico *lockdown*” (NETTO; OLIVEIRA; SEVERINI, 2020, p. 26).

Ainda que seja difícil a retomada do setor turístico, uma vez que neste contexto que estamos vivenciando, o ritmo de número de infectados ainda é crescente no Brasil, é possível fazermos uma projeção para o futuro, se compararmos o contexto brasileiro a outros países como Alemanha, Portugal, Nova Zelândia e outros que fecharam suas fronteiras no início do surto e exerceram o isolamento social como medida de proteção, aos poucos, agora, retomam as pequenas atividades e o fluxo da vida. Recentemente, voltam à vida social após a liberação e abertura gradativa de parques, bares, restaurantes e outros serviços ligados aos equipamentos de alimentos e bebidas que estabelecem protocolos como medida de segurança de saúde para a reutilização desses espaços.

Além dessas novas implementações dos protocolos como medida de segurança, os danos foram diversos, além dos impactos econômicos, a perda mais dolorosa é das pessoas em todo o mundo. A rotina da população sofreu mudanças radicais: “as transformações nas esferas culturais e sociais impactaram as formas de convívio familiar, opções de lazer e novas formas de trabalho em casa” (CLEMENTE *et al.*, 2020, p. 76).

Como solução, não só no que diz respeito ao planejamento de protocolos de segurança para diminuir a contaminação nos diversos ambientes envolvidos na área do turismo, fechamento das fronteiras e repatriação, houve também medidas adotadas pelo Ministério do Turismo para redução dos impactos econômicos no setor como: campanha “Não cancele, remarque”; manutenção de empregos; regras de cancelamento/remarcações para serviços turísticos e culturais; linhas de crédito e outros (CLEMENTE *et al.*, 2020).

São baseados nesses procedimentos e protocolos sanitários elaborados como medida de contenção do avanço da pandemia no país, aos poucos e ainda que seja de forma incoerente, uma vez que este trabalho está sendo escrito na primeira quinzena de julho e estende entre 2020 e 2021, os números de pessoas contaminadas e mortes nos estados brasileiros só vêm crescendo, indo na contramão do que realmente deveria estar sendo executado pelas diversas esferas, além dessa rejeição dos protocolos sanitários tanto pela população quanto pelo governo, outros problemas estão sendo encontrados, aliás construídos devido a COVID-19.

A pandemia afetou não apenas aqueles que tiveram suas vidas interrompidas pela COVID-19, mas impactou também os familiares; os profissionais de saúde; a economia do país nos setores da indústria, do turismo, de alimentos; o processo educacional; o contato social das relações; acentuou problemas já conhecidos das populações indígenas e quilombolas e grupos sociais vulneráveis como o desprezo de atendimento da saúde pública; desencadeou o aumento da pobreza, de transtornos mentais, de síndromes, do estresse, causou maior incidência de abuso infantil, violência doméstica e feminicídio.

Todos esses problemas sociais afetaram direta e indiretamente cada pessoa de forma diferente, uma vez que o isolamento social foi colocado como medida protetiva para diminuição da propagação do coronavírus, causa da COVID-19, o que impôs mudanças ao nosso estilo de vida.

5 Repensar o turismo e suas vertentes: um movimento necessário

O movimento do turismo como atividade econômica e social e sua possibilidade de interação com outros locais na busca de sensações inusitadas não é algo novo, mas percebe-se que, durante os últimos anos, houve uma crescente prerrogativa de estudos para essa área.

Por vez, na contextualização histórica dessa atividade, é real que a ascensão do turismo e suas manifestações foram desencadeadas decorrentes da Revolução Industrial (SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012) o que acarretou o surgimento do turismo de massa. Com isso, à medida que o turismo surgia como atividade econômica que movia a recente indústria, movia também sonhos e expectativas de moradores que viam no turismo como algo possível na geração de renda. É necessário lembrar que ele já foi considerado, na década de 1960, segundo Teixeira e Sperb (2008), a indústria sem chaminé e trazia também como anúncio principal, uma proposta como alternativa de desenvolvimento para países pobres.

Importante também afirmar que o setor do turismo sempre esteve ligado a perspectiva de geração de emprego e de renda. Por isso, o turismo se propunha a desenvolver e trazer benefícios para os lugares, esse é possivelmente um dos seus direcionamentos. Além disso, carrega uma intensidade de articulação que segundo Ruschmann (2001) o meio ambiente é a base que constrói a atividade econômica, mas que gera oportunidades e limites. Com base nas questões apresentadas, como pensar sobre um pós-pandemia?

Estes problemas sociais e econômicos não só afetaram drasticamente as relações sociais pela quantidade de vidas tomadas, mas também prejudicaram o setor econômico, a categoria ligada ao turismo e todos os equipamentos de alimentos e bebidas, hotelaria, prestadores de serviços, agências de emissivo e receptivos sentiram o quanto o turismo é vulnerável.

Apesar de todas as vidas perdidas para a COVID-19 e resguardando o respeito que todas elas merecem, este cenário de pandemia permite que os idealizadores, gestores e planejadores repensem medidas de como voltar a uma nova normalidade, se é que ela existe, e por que não cogitar maneiras de frear os impactos no uso demasiado dos ambientes e problemas gerados pelo turismo de massa, o qual permitiu toda uma dicotomia nos processos históricos e seus impactos na vida e no ambiente?

Trigo e Mazaro (2012, p. 488) apontam, em um dos seus trabalhos, como os processos históricos no turismo também são dinâmicos e enfatizaram que “Tudo bem, a história sempre foi dinâmica e o mundo está em permanente transformação. No entanto, a novidade dos novos tempos é a velocidade da mudança. Não há mais tempo para adaptar-se. O desafio agora é o de antecipar o futuro, e não mais se espelhar no passado”. Será mesmo que não ultrapassamos a barreira do tempo, na busca e velocidade de possuir e gerir espaços que superam as expectativas, e, muitas vezes, não respeitando o próximo e o ambiente externo?

Desde que os primeiros contaminados apresentaram os sintomas, o hábito de afasta-se das pessoas e não frequentar locais em grandes aglomerações foi recomendado, tal hábito é uma medida eficaz e válida, porém, na contramão desse fluxo, pensamos o quanto alguns questionamentos têm sido colocados em pauta durante esta pandemia que nos “arrodeou”.

O turismo se mostra como segmento que deve ser interpretado nos seus diversos contextos, em geral pode ser agora o momento de analisar e com um olhar mais atento como a transição e a desaceleração impactaram nos setores econômicos, culturais, sociais, ambientais e tecnológicos, por ser uma área tão diversificada as mudanças para este cenário ‘turismo x pandemia’ surtiu efeito em todo o mundo.

Apesar da crise do sistema turístico, outras profundas preocupações surgem como: o medo de receber turistas; o desprezo mais acentuado por imigrantes levando à xenofobia nas fronteiras; o uso demasiado de materiais plásticos, o descarte de máscaras utilizadas.

Assim, o que podemos perceber é um retrocesso na geração de diminuição de lixo. Se atentarmos para as questões dentro da hotelaria e outros equipamentos, o uso de utensílios plásticos faz parte do protocolo de higienização. É necessário pensar também em como organizar o trânsito de pessoas nesses ambientes o que pode proporcionar um desvio de fluxos entre áreas turísticas. Essas são algumas dentre tantas outras questões que surgem ao avançar da nossa “insegurança *segura*”. Observa-se, portanto, que 2021 começou no meio de incertezas e inconclusões sobre a COVID-19, ainda que com a proposta de vacinação lançada pelo Ministério da Saúde⁹ no início de janeiro deste mesmo ano.

⁹ Início da campanha de vacinação no Brasil – UNA-SUS. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/vacinacao-contr-a-covid-19-ja-teve-inicio-em-quase-todo-o-pais>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Foram elaboradas propostas e cuidados restritos aos segmentos do turismo, mas como assegurar políticas eficazes na segurança desses viajantes e turistas? Como ação para dirimir a propagação e circulação de contaminados, o MTUR elaborou uma cartilha com medidas de segurança para o setor com o objetivo de alavancar o turismo e permitir que a “máquina engrene novamente”.

Em sua proposta, o MTUR, além de lançar cartilha com medidas para desenvolver ações, organizou como protocolo a ser seguido o selo “Turismo Responsável – Limpo e Seguro”¹⁰ que é, na verdade, um programa que estabelece boas práticas de higienização para os diversos segmentos do setor. No entanto, é importante pensar nos grupos sociais e os processos de gentrificação pelo país.

A cartilha do MTUR e suas especificidades parece utópica e não é suficiente se entrarmos na seara das propostas de higienização. Segundo os dados da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)¹¹, as comunidades pobres e favelas do Rio de Janeiro são as mais atingidas, devido à falta de infraestrutura estatal, mas não só neste estado como outras capitais com maiores números de pessoas desassistidas pelo Governo Federal, porque como pensar em medidas de afastamento e isolamento se pensarmos no espaço quadrado ocupado por estes moradores. Assim, como pensar na infraestrutura e em espaços que dinamizem as relações sociais no contexto de uma pós-pandemia?

Falar em uma volta aos usos dos espaços urbanos, de processos de políticas públicas de saúde quase que inexistentes e da necessidade ao lazer parece precipitado, ainda que nem todos os cidadãos possam ter uma volta digna.

Em uma breve síntese, através do trabalho de Paes (2017), em seu artigo “Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades” é contextualizado o conceito de gentrificação e o quanto as narrativas de um planejamento urbano interferem sobre uma transformação nas expressões no espaço, o que demonstra e fica nítido sobre os conflitos sociais que demarcam os cenários de uma paisagem urbana.

Esses conflitos podem ser conotados quando colocamos sobre análise as grandes cidades que foram atingidas pelo processo urbano, mas como Paes (2017, p. 678) afirma,

¹⁰ Site disponível em: <http://www.turismo.gov.br/seloresponsavel/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹¹ Site disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/covid-19-favelas-fiocruz-aponta-que-pandemia-tem-mais-impacto-em-areas-pobres-do-rio>. Acesso em: 06 jun. 2021.

“Contudo, sem políticas eficazes de inclusão social, as intervenções e a produção de cenários exclusivos para as classes medias e as elites fortaleceram o desenvolvimento desigual preexistente”.

É claro que a pandemia só ressaltou a desigualdade das classes sociais no nosso país, ora no atendimento de políticas de saúde, ora pela situação de calamidade que foi exposta aos demais moradores de regiões que se encontram desassistidas pelo governo.

Segundo o estudo desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS¹², pelo Observatório das Metrópoles, os dados do primeiro Boletim – Desigualdades nas Metrópoles¹³ mostram que o efeito da crise provocada pela pandemia afetou diretamente na desigualdade da distribuição de renda do trabalho e uma desigualdade racial.

Em um contexto atípico, pensar em propostas precipitadas para este momento que tem surtido sobre as inseguranças, refletir em desafogar práticas em (re)ligar a máquina social das nossas vidas nos espaços urbanos, como ânsia de um desenvolvimento, com uma pressa sem calcular os erros já cometidos pelo consumo desses espaços. Para autora:

Apesar das contradições apontadas, as visões mais maniqueístas sobre as relações entre patrimonialização, turismo e planejamento urbano não nos deixarão ver as possibilidades que aí residem – são âncoras para refletirmos sobre uma nova forma de desenvolvimento e renovação das cidades. Ao mesmo tempo em que a patrimonialização dos lugares os torna visíveis para o turismo, põe em evidência as suas vulnerabilidades econômicas e socioambientais que deverão ser corrigidas. A análise desses termos para a interpretação dos processos de gentrificação contemporâneos expressa no espaço urbano um conflito sociopolítico que não pode ser reduzido a uma abordagem economicista (PAES, 2017, p. 681).

É através dessas reflexões da autora que se recorre a colocar um diálogo, da ponderação sobre a tomada de decisões de nossas vidas durante a pandemia da COVID-19 e pensar em como o Estado e cada município têm analisado essa volta à rotina. Além disso, que ética o Estado tem em passar uma suposta seguridade, quando ele mesmo abandonou milhares de pessoas na ausência de governo. Será mesmo que o Estado ainda é o responsável pelas articulações de bem-estar da sociedade?

¹² Disponível em: <https://www.pucrs.br/blog/desigualdade-social-cresce-nas-metropoles-brasileiras-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

¹³ Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

As práticas geridas pelas cidades afora do nosso país têm permitido sentir como a pandemia tem aos poucos deixados de ser uma preocupação. Os muitos que já foram vacinados retomam suas vidas seja nos usos dos espaços públicos, em ambientes de lazer e nas relações sociais, mas como ficam os diversos setores e o turismo? Em pequenos municípios que precisam desse segmento para alimentar a economia interna, ainda se encontram incertezas, entretanto, em muitos desses municípios existe a necessidade de buscar trabalho para manter suas estruturas econômicas em dias.

Em uma recente pesquisa sobre a crise sanitária e de como ela interceptou os pequenos municípios, os autores Zanirato, Misato e Oliveira (2020) apontam sobre as dificuldades geradas no setor turístico para o desenvolvimento econômico e encontram uma crescente informalidade nos empregos.

Em alguns municípios, uma das principais fontes de renda é movimentada pela atividade ligada ao setor turístico. Isso, de maneira real, devido ao isolamento social, fez com esses lugares fossem altamente atingidos, o que levou ao fechamento de hotéis, pousadas, restaurantes, bares e serviços não essenciais, pois cada estado e município tiveram suas restrições de acordo com suas necessidades.

6 Considerações Finais

Pensar em uma volta à normalidade tem sido ânsia de muitas pessoas e dos diversos setores da indústria que tiveram de paralisar suas atividades devido ao isolamento social e para o turismo isso não está sendo diferente.

Desde o início da pandemia em 2019, tem-se lidado com um vilão que não escolhe classe econômica e social, mas ao certo percebe-se como isso tem sido mais difícil aos de classe econômica mais baixa em todo o mundo, ainda mais quando o Estado, através de medidas de precaução, impõe aos indivíduos o isolamento social e distanciamento, uma vez que estes não seriam uma escolha para esses que dependem de trabalhos formais e informais.

Como questionamento, será que o governo pensou como isso impactaria na vida daqueles que precisam e sobrevivem desta indústria ou das diversas atividades econômicas? Não é simples dizer para uma diarista que ela tem de ficar em casa, porque desse modo não contrairia o vírus da COVID-19, mas como ela pagaria suas contas? Imagine falar para o

garçom, o barista, o atendente, os autônomos e tantos outros profissionais de áreas diversas que ficar em casa, durante este período da pandemia, seria a solução ou, ao menos, um modo de minimizar a contaminação.

Existe aqui, nesse contexto, uma ‘faca de dois gumes’ que foi imposta a muitos brasileiros, compreende-se que não se deve negar o cuidado de ficar em casa e não deixar de realizar as medidas protetivas como uso da máscara, utilizar álcool em gel, mas como exigir isso a pessoas que muitas vezes não tem o mínimo de infraestrutura, nem água potável?

A necessidade de volta apressada do segmento por uma retomada¹⁴ do turismo fez colocar muitas pessoas em risco, a busca por uma vida quase normal, permitiu as idas aos espaços de lazer, as praias lotadas, as reuniões familiares para festa de Natal e fim de ano, as viagens para outros estados, o que possibilitou reascender o contágio de milhares de pessoas no início de 2022, ainda que aproximadamente cerca de 69% da população¹⁵ foram imunizadas até a segunda dose.

Portanto, o turismo teve que desacelerar, ao fechar restaurantes, bares, comércios e equipamentos que atendem a todo o *trade* turístico, incerto é voltar com esse setor despreparado. Se pensarmos em como ela se reconfigurou nessa pandemia, ainda que protocolos de segurança tenham sido elaborados – como o Turismo Responsável – parece que isso não foi suficiente para este episódio catastrófico.

Desde o início, a COVID-19 trouxe diversos impactos nas ações humanas, muitos perderam seus familiares, amigos e colegas de trabalho, além de ter gerado uma estagnação nos serviços turísticos, o que irá demandar que gestores e planejadores tomem atenção a este percurso. Houve, ainda, problemas no uso demasiado de embalagens plásticas, entre tantos outros pontos negativos.

Por fim, nessa trajetória árdua que muitos de nós que estamos vivenciando, procuramos alguma resposta à pergunta: “O que espera depois da Pandemia?” Somos ingênuos em pensar que esta pandemia vai demorar a ser esquecida e que esta doença não terá vários efeitos para o comportamento dos indivíduos e nas relações da sociedade.

Referências

¹⁴ Disponível em: <https://retomada.turismo.gov.br/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

¹⁵ Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>. Acesso em: 20 jan. de 2022.

ARAÚJO, L. M.; CARVALHO, R. C. O turismo de massa em debate: a importância de sua análise para o planejamento turístico do estado de Alagoas, Brasil. *In: Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-graduação em Turismo*, 10, 9 a 11 de out. 2013, **Anais...** Universidade Caxias do Sul. 2013. Disponível em: [https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/\[35\]x_anptur_2013.pdf](https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/[35]x_anptur_2013.pdf). Acesso em: 15 mai. 2021.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 12 ed. São Paulo: Senac, 2007.

BENI, M. C. Com a palavra: Professor Dr. Mario Carlos Beni. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 1–6, 2020. DOI: 10.26512/revistacenario.v8i15.34811. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/34811>. Acesso em: 21 dez. 2021.

BENI, M.C. **Análise estrutural do turismo**. 5 ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

BRANCO, P.M. C.; MAGALHÃES, L. H. Turismo de massa: uma construção do capitalista. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, [S.l.], v. 21, n. 41, p. 23-29, mar. 2020. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatestes/article/view/1281>. Acesso em: 15 mai 2021.

CLEMENTE, A. C. F.; ANDRADE, L. G. de; STOPPA, E. A.; SANTOS, G. de O. Políticas públicas frente aos impactos econômicos da COVID-19 no Turismo. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 73–85, 2020. DOI: 10.26512/revistacenario.v8i14.32210. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/32210>. Acesso em: 15 jun. 2020.

COELHO, M. F.; MAYER, V.F. Gestão de serviços pós-COVID: o que se pode aprender com o setor de turismo e viagens? **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**. v.14, n. 39, p. 3698 – 3706 / Especial COVID-19 -2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/tv/direto-na-fonte/2020/05/19/quanto-mais-desmatar-maior-chance-de-novas-epidemias-afirma-david>. Acesso em: 29 de out. 2021.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HALL, C. M.; SCOTT, D.; GÖSSLING, S. Pandemics, transformations and tourism: be careful what you wish for. **Tourism Geographies**, v. 22, n. 3, p. 577-598, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14616688.2020.1759131>. Acesso em: 15 jun. 2020.

JANCZURA, R. Risco ou vulnerabilidade social? **Textos & Contextos**. v. 11, n. 2, p. 301-308, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321527332009>. . Acesso em: 15 jun. 2020.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LATOUR, B. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise**. Quais as atividades agora suspensas que você gostaria de que não fossem retomadas? *In*: Laboratório de Sensibilidades, 29 de março de 2020. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2020/03/31/bruno-latour-imaginar-gestos-que-barrem-o-retorno-da-produc%cc%a7a%cc%83o-pre-crise-quais-as-atividades-agora-suspensas-que-voce%cc%82-gostaria-de-que-na%cc%83o-fossem-retomadas/>. Acesso em: 16 set. 2021.

MARQUES, L. **Capitalismo e Colapso ambiental**. 3. ed. Campinas, 2015.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. 5. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELO, E. S. Aprofundando o olhar do turista: considerações acerca de suas determinantes sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 3, n. 2, p. 71-94, ago 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5041/504152243005.pdf>. Acesso em: 16 de set. 2021.

NETTO, A. P.; OLIVEIRA, J. L. S.; SEVERINI, V. F. Do overtourism à estagnação. Reflexões sobre a pandemia do Coronavírus e o turismo. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 26–43, 2020. DOI: 10.26512/revistacenario.v8i14.32002. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/32002>. Acesso em: 06 jun. 2021.

PAES, M. T. D. Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 667-684, 2017. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2017.128345. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/128345>. Acesso em: 27 nov. 2021.

QUINET, A. **Um olhar a mais**: ver e ser visto na psicanálise. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

RIBEIRO, W. Patrimônio, políticas públicas e risco. *In*: CARVALHO, A.; ESPEJEL, B.; JULIANO, T. (Orgs.) **Perspectivas patrimoniais**: natureza e cultura em foco. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 1997.

SILVA, S. D. A. A.; TEIXEIRA, F. S.; LIMA, J. D. A. Ações e estratégias na hotelaria para a retomada do setor no pós-pandemia. *In*: SILVA, S. D. A. A.; COSTA, A. A. F.; CIPRIANO, M. J. S. (Orgs.). **Turismo e COVID-19**: cenários, estratégias e protocolos de biossegurança. Mossoró, RN: EDUERN, 2020. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/edicoes-uern-ebooks-2020/arquivos/5737e_book_turismo_e_COVID_19_cena%C2%A1rios_estrata%C2%A9gias_e_protocolos_de_biossegurana%C2%A7a.pdf. Acesso em: 04 de abr. 2021.

SILVA, S. D. A. A.; COSTA, A. A. F.; CIPRIANO, M. J. S. **Turismo e COVID-19:** cenários, estratégias e protocolos de biossegurança. Mossoró, RN: EDUERN, 2020. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/edicoes-uern-ebooks-2020/arquivos/5737e_book_turismo_e_COVID_19_cena%C2%A1rios_estrata%C2%A9gias_e_protocolos_de_biossegurana%C2%A7a.pdf. Acesso em: 04 de abr. 2021.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J.; GANDARA, J. M. G. Quatro décadas de ensino superior de turismo no Brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral. **Turismo: Visão e Ação**, v. 14, n. 1, p. 6-18, 2012.

SWARBROOKE, J.; HORNER, S. **Consumer Behaviour in Tourism**. 2ed. Oxford: Butterworth Heinemann, 2007.

TEIXEIRA, R. M.; SPERB, M. P. Turismo sustentável e gestão ambiental em meios de hospedagem: o caso da Ilha do Mel, Paraná. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, [S.l.], jan. 2009. ISSN 1980-6965. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/raoit/article/view/3584>. Acesso em: 07 jul. 2021.

TRIGO, L. G. G.; MAZARO, R. Movimentos Globais e Cenários em Turismo: uma realidade dinâmica, uma viagem ao futuro. **Revista Turismo em Análise**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 486-508, 2012. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v23i3p486-508. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/52431>. Acesso em: 27 jul. 2021.

UJAVARI, S. C. **História das epidemias**. São Paulo: Contexto, 2020.

ZANIRATO, S. H.; MISATO, M. T.; OLIVEIRA, F. V. **Decorências da atual crise sanitária em pequenos municípios da MMP**. Diálogos Socioambientais na Macrometrópole Paulista, v. 3, n. 6, p. 19-20, 2020. Disponível em: https://pesquisa.ufabc.edu.br/macroamb/wpcontent/uploads/2020/05/Di%C3%A1logos-Socioambientais_COVID-19-5.pdf. Acesso em: 07 jul. 2021.